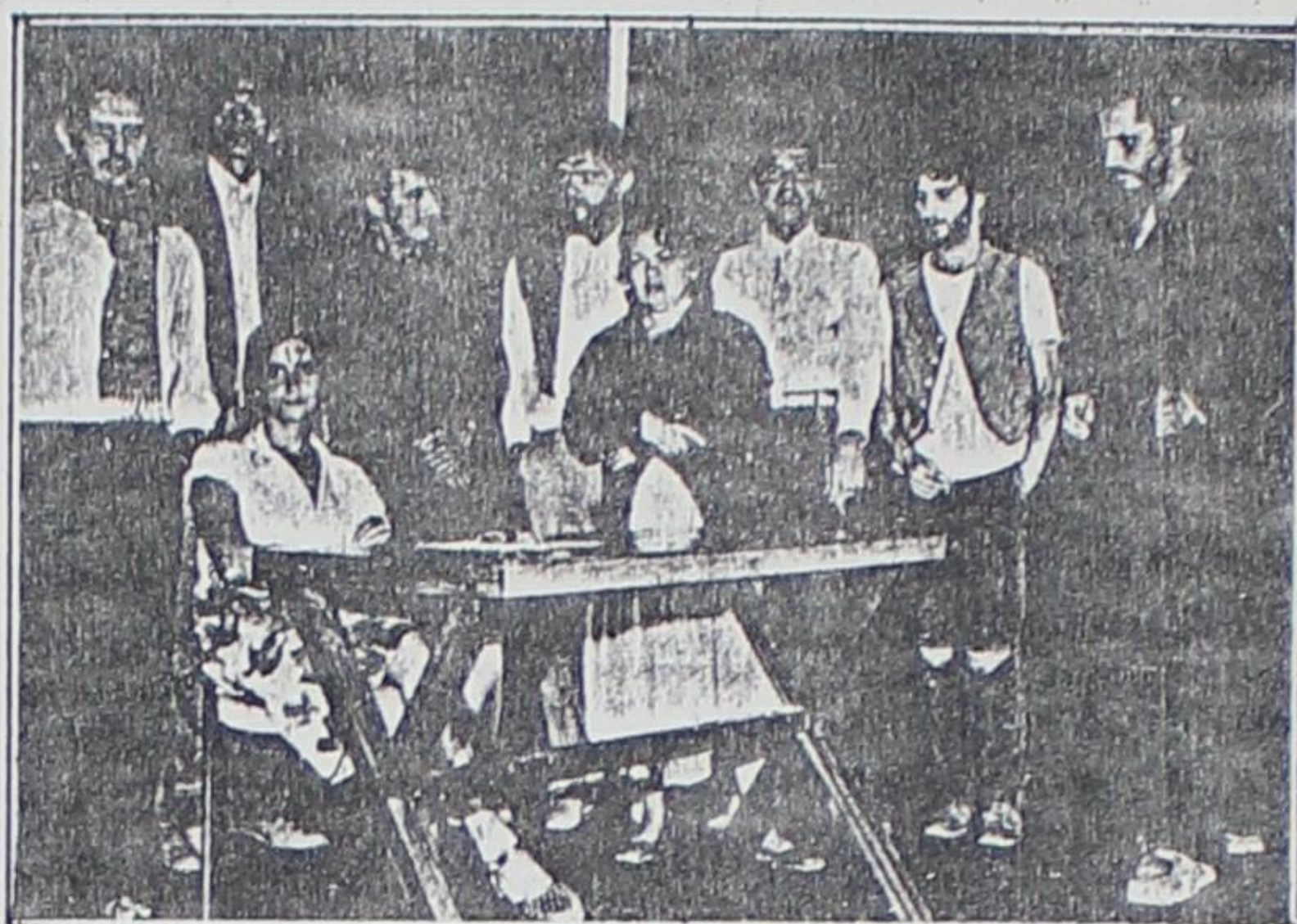


teatro

Tinoco dos Anjos



O Caso Rosenberg: hoje, em Cachoeiro de Itapemirim

“O Caso Rosenberg” tem a ver com eleição indireta

O CASO ROSENBERG (Hoje, às 20 horas, no cine-teatro Broadway, em Cachoeiro de Itapemirim) — Peça de Alain Decaux. Tradução de Victor Carvalho. Montagem dos grupos Núcleo de Artes Cênicas de Vitória, Geração e Terra. Direção e produção executiva de Luiz Tadeu Teixeira. Cenografia de Maurício Silva. Figurinos de Renato Saudino. Iluminação de Wlad Castiglioni. Sonoplastia de Renato Saudino. Assistente de direção: Luiz Cláudio Gobbi.

Elenco: Vera Rocha, Alvarito Mendes Filho, Marien Calixte, Alvim Barbosa, Luiz Tadeu Teixeira, Antonio Rosa, Altair Caetano, José Augusto Loureiro, Márcia Gaudio, Ary Roaz, Emílio Cortês, e Paulo de Paula.

A montagem desta peça, pela primeira vez no Brasil, representa um esforço coletivo de integrantes de três grupos locais, que trazem para o debate do capixaba, através de discussões sobre a pena de morte e de uma eficiente divulgação de informações sobre o caso, um assunto que não perde a atualidade. A história do casal Rosenberg é um exemplo de como um sistema político pode criar uma situação artificial e impor “verdades” à opinião pública de um país, totalmente manipulada pelos meios de comunicação. A peça do francês Alain Decaux mostra que os Rosenberg foram vítimas de perseguição ideológica e utilizados como bodes expiatórios de um conflito político internacional. Nesse sentido é exemplar a fala de Ester Rosenberg, quando ela explica a recusa em confessar um crime que não cometeu: “A minha recusa em admitir as acusações que me fazem deixará sempre uma dúvida no espírito dos americanos e a vitória do senador McCarthy (o principal caluniador do casal) estará incompleta”. Ao sintetizar o processo que culminou na execução do casal na cadeira elétrica, em 1951, o autor da peça realça justamente o esmagamento e a tortura

psicológica sobre dois seres humanos que se vêem de repente sem poder reagir, utilizados como peças de um jogo de poder repugnante, que, controla as instituições que deveriam defender a sociedade, como a imprensa e o Poder Judiciário. Há belíssimos diálogos entre Ester e Julio Rosenberg como presas dessa armadilha. Mesmo sem conseguir escapar dela, eles não perdem a dignidade. A peça, ao final, mostra o perigo de uma democracia de fachada e a capacidade de uma ideologia fascista de fabricar verdades e enganar o povo. Tudo isso tem muito a ver, por exemplo, com colégio eleitoral e eleição indireta no Brasil.

Luiz Tadeu Teixeira, o idealizador-diretor da montagem e que interpreta o advogado do casal Rosenberg, conseguiu superar a falta de ritmo inicial e dar maior dinamismo ao espetáculo, que precisava ser fiel ao original sob pena de se perder informações essenciais à compreensão do processo. A música utilizada ajuda a combater o que poderia se tornar enfadonho. O cenário também funciona. O elenco tem doze atores e isso significa uma proeza para o teatro capixaba. A melhor interpretação é a de Alvarito Mendes Filho (como Julio Rosenberg), um jovem ator que a cada dia confirma seu talento. Ele conseguiu um tom de voz e a uma expressão corporal perfeitos para o personagem. Vera Rocha não chega a comprometer como a intérprete de Ester, mas demonstra inadequação para o papel. Luiz Tadeu tem bons momentos durante o julgamento quando denuncia ao júri toda a trama política armada. Na linha de coadjuvantes são muito eficientes os inspetores Antonio Rosa e Altair Caetano e as testemunhas José Augusto Loureiro e Ary Roaz. Marien Calixte, o estreado e Emílio Cortês (ex-Tião Carneiro) trabalham sentados ou com praticamente nenhuma movimentação. Fica difícil avaliar o desempenho. Os demais atores estão num nível regular.